



## CARACTERIZAÇÃO E VARIAÇÃO SAZONAL DA COMUNIDADE DE MORCEGOS NO PARQUE NACIONAL SERRA DE ITABAIANA, SERGIPE

Rayanna Hellem Santos Bezerra – Universidade Federal de Sergipe, Núcleo de Ecologia, São Cristóvão, SE.  
rayhellem@hotmail.com.;

Allana Pereira Santos da Silva – Universidade Federal de Sergipe, Núcleo de Ecologia, São Cristóvão, SE. Paulo

Henrique dos Santos – Universidade Federal de Sergipe, Núcleo de Ecologia, São Cristóvão, SE. Isadora Costa

Hamsi – Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia, São Cristóvão, SE. Adriana Bocchiglieri –  
Universidade Federal de Sergipe, Núcleo de Ecologia, São Cristóvão, SE.

## INTRODUÇÃO

A Ordem Chiroptera apresenta maior riqueza na Mata Atlântica, com 113 espécies (Paglia *et al.*, 2012), representando 24,8% das espécies de mamíferos do Brasil. Entretanto, poucos estudos foram realizados no estado de Sergipe, nordeste do Brasil, revelando a dominância da família Phyllostomidae tanto em riqueza quanto em abundância (Mikalauskas, 2005; Rocha *et al.*, 2010; Brito e Bocchiglieri, 2012).

## OBJETIVOS

Caracterizar a estrutura da comunidade de morcegos no Parque Nacional Serra de Itabaiana, em Sergipe, e avaliar se a ocorrência das espécies difere com a sazonalidade.

## MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi realizado no Parque Nacional Serra de Itabaiana/PNSI (10°40'S, 37°25'W) que possui uma área de 7.966 ha (Carvalho & Vilar, 2005) que está localizado na Mesorregião do Agreste de Sergipe (Bezerra *et al.*, 2008). A coleta de dados foi realizada em dois sítios de formação florestal associada aos riachos Coqueiro e Água Fria entre fevereiro/2011 a janeiro/2013, em dois dias consecutivos mensais. Utilizou-se entre sete e 10 redes de neblina que permaneceram abertas entre as 18:00-24:00hs e vistoriadas a cada 30 minutos. Os indivíduos capturados foram identificados com bibliografia especializada. A estimativa de riqueza foi calculada a partir de 10.000 curvas construídas no programa EstimateSWin 8.2.0 (Colwell, 2006). Diferenças na composição de espécies e na abundância entre os períodos do ano foram testadas pelo Mann-Whitney, com nível de significância de 5% (Ayres *et al.*, 2007) no programa BioEstat 5.0.

## RESULTADOS

Foram realizadas 383 capturas de indivíduos pertencentes a 17 espécies: *Carollia perspicillata* (N=119), *Artibeus lituratus* (N=80), *Dermanura cinerea* (N=64), *A. planirostris* (N=44), *Platyrrhinus lineatus* (N=23), *Phyllostomus discolor* (N=19), *Myotis lavalii* (N=13), *Sturnira lilium* (N=7), *Trachops cirrhosus* (N=3), *Anoura geoffroyi*, *Lophostoma brasiliense* e *Natalus macrourus* (N=2) e *A. fimbriatus*, *Chiroderma villosum*, *C. doriae*, *Micronycteris* sp. e *Uroderma magnirostrum* (N=1). As espécies *Lophostoma brasiliense* e *Uroderma magnirostrum* representam novos registros para a localidade. A família Phyllostomidae foi a mais rica e mais abundante, com 88% das espécies e 96% dos indivíduos registrados. Foi estimada uma riqueza de  $19,5 \pm 3,16$

espécies no PNSI pelo estimador Chao1. Não houve diferenças na riqueza ( $U = 30$ ;  $p = 0,16$ ) e abundância ( $U = 35,5$ ;  $p = 0,29$ ) de morcegos no PNSI de acordo com a sazonalidade.

## DISCUSSÃO

Atualmente a comunidade de morcegos do PNSI é constituída por 21 espécies, das quais 17 foram registradas no presente estudo. Essa riqueza corresponde a 60% das espécies com ocorrência para Sergipe (Rocha *et al.*, 2013). A alta representatividade da família Phyllostomidae decorre do fato desta ser a mais diversificada entre os morcegos neotropicais (Gardner, 2007) e pelo fato do método de captura favorecer os representantes dessa família em detrimento das outras (Fenton *et al.* 1992; Simmons & Voss, 1998). A abundância e riqueza das espécies não diferiram sazonalmente, devido aos filostomídeos serem menos afetados pela chuva, pois seu recurso alimentar continua disponível regularmente (Paige, 1995) e apresentam grande mobilidade, trocando periodicamente de refúgio (Lewis, 1995).

## CONCLUSÃO

Até o momento foram registradas 21 espécies para a localidade. Não houve diferença significativa na riqueza e abundância das espécies de morcegos no PNSI de acordo com a sazonalidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYRES, M.; AYRES JÚNIOR, M.; AYRES, D. L.; SANTOS, A. A. S. 2007. BioEstat 5.0: Aplicações estatísticas nas áreas das ciências biológicas. Belém, Sociedade Civil Mamirauá, MCT-CNPq, p. 324.

BEZERRA, M. F. A.; BEZERRA, A. C. C.; NUNES, A. T.; LADO, C.; CAVALCANTI, L. H. 2008. Mixobiota do Parque Nacional Serra de Itabaiana, SE, Brasil: Physarales. *Acta Botanica Brasilica*, 22(4): 1044-1056.

BRITO, D. V. & BOCCHIGLIERI. 2012. A. Comunidade de morcegos (Mammalia, Chiroptera) no Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, Sergipe, nordeste do Brasil. *Biota Neotropica*, 10(3): 183 - 188.

CARVALHO, C. M.; VILAR, J. C. 2005. Introdução - Levantamento da Biota do Parque Nacional Serra de Itabaiana. In:

CARVALHO, C. M.; VILAR, J. C. (Coord.). Parque Nacional Serra de Itabaiana - Levantamento da Biota. Aracaju: UFS/Ibama. p. 9-14.

COLWELL, R. K. 2006. EstimateS 8.0.0. Statistical estimation of species richness and shared species from samples. Version 8. Disponível em: <http://viceroy.eeb.uconn.edu/EstimateSPages/>.

FENTON, M.B.; ACHARYA L.; AUDET D.; HICKEY M.B.C.; MERRIMAN C.; OBRIST, M.K. & SYME, D.M.. 1992. Phyllostomid bats (Chiroptera: Phyllostomidae) as indicators of habitat disruption in the Neotropics. *Biotropica*, 24 (3): 440-446.

GARDNER, A.L. 2007. Mammals of South America, Vol. 1: marsupials, xenarthrans, shrews, and bats. University of Chicago Press, Chicago and London. 690p.

LEWIS, S.E. 1995. Roost fidelity of bats: a review. *Journal of Mammalogy*, 76(2): 481-496. MIKALOUSKAS, J. S. 2005. Morcegos. In: Parque Nacional Serra de Itabaiana - Levantamento da Biota (C. M. Carvalho & J. C. Vilar, Coord.). Aracaju, Ibama, Biologia Geral e Experimental - UFS. Pp. 93-103.

PAGLIA, A. P.; FONSECA, G. A. B.; RYLANDS, A. B.; HERRMANN, G.; AGUIAR, L. M. S.; CHIARELLO, A. G.; LEITE, Y. L. R.; COSTA, L. P.; SICILIANO, S.; KIERULFF, M. C. M.; MENDES, S. L.; TAVARES, V.

C.; MITTERMEIER, R. A. & PATTON, J. L. 2012. Lista Anotada dos Mamíferos do Brasil 2ª Edição. Conservation International, Belo Horizonte, p.76,

PAIGE K. N. 1995. Bats and barometric pressure: conserving limited energy and tracking insects from the roost. *Functional Ecology*, 9: 463 - 467.

ROCHA, P. A., FEIJÓ, J. A., MIKALOUSKAS, J. S., GOUVEIA, S. F., SILVEIRA, V. V. & PERACCHI, A. L. 2010. Morcegos (Mammalia, Chiroptera) capturados no Campus da Universidade Federal de Sergipe, com oito novos registros para o estado. *Biot. Neotrop.* 10(3): <http://www.biotaneotropica.org.br/v10n3/en/abstract?shortcommunication+bn03310032010>.

ROCHA, P. A., MIKALOUSKAS, J. S., BOCCHIGLIERI, A. FEIJÓ, J. A. & FERRARI, S. F. 2013 An update on the distribution of the Brazilian funnel-eared bat, *Natalus macrourus* (Gervais, 1856) (Mammalia, Chiroptera), with new records from the Brazilian northeastern. *Check list*, 9: 675-679.

SIMMONS, N. B., & VOSS, R. S. 1998. The mammals of Paracou, French Guiana: a neotropical lowland rainforest fauna. Parte I. Bats. *Bulletin of the American Museum of Natural History*. 237p.

## **Agradecimento**

PNSI, UFS, CNPq e FAPITEC pela bolsa concedida